

S E R M Ã O
QUE EM ACCÃO DE GRAÇAS
A DEOS NOSSO SENHOR
PELOS FELICES,
E GLORIOSOS SUCCESSOS
D E P O R T U G A L :

EM JUNHO DO ANNO CORRENTE
PRE'GOU NA CIDADE DE LEIRIA

Fr. JOSE' LEONARDO DA SILVA,

PRE'GADOR DE SUA MAGESTADE, E DO SENHOR INFANTE,
CENSOR REGIO, E DO EMINENTISSIMO CARDEAL PA-
TRIARCHA, E EXAMINADOR SYNODAL ABSOLUTO DO PA-
TRIARCHADO.

MG

COIMBRA:
Na Imprensa Christã da Rua dos Coutinhos.
1823.

*Hoc mutatio dexteræ Excelsi. — Esta mudan-
ça só pôde ser obra da mão do Excelso.*

Faculdade de Filosofia PSALMO 76.
Ciências e Letras
Biblioteca Central

AQUELLE, que só he essencialmente Grande, Poderoso, e Sabio, e de cuja imensa Grandeza, Divina Sabedoria, e infinito Poder, todo o poder toda a sabedoria, e toda a grandeza humana não he mais do que uma insignificante participação, e leve sombra: Aquelle, que lá do seu Luminoso, e inacessivel Solio vê, como outros tantos despreziveis atomos os Reinos mais vastos, os Estados mais formidaveis do mundo; e vê o mesmo mundo reverentemente prostrado a seus pés esperando o mais leve aceno de sua divina vontade: Aquelle que na sua omnipotente Mão tem fechados os coraçoens dos Príncipes, os destinos dos Povos, a sorte dós Imperios; e porquem tudo vive, se move, e existe: Este DEOS Grande, Imenso, Infinito he o Supremo Arbitro, a Cauza primeira, e unica de todos os humanos successos, e acontecimentos. Sem uma determinação expressa da Soberana vontade d'este DEOS, nem o Sol se atreveria a alumear o mundo, nem o Alamo a mover as suas leves, e inconstantes folhas. Verdade

▲ 2

fundamental, e incontestavel, de que ao mesmo tempo nos convencem a razão, e a Fé; a sam Filosofia, e o Evangelho; a divina, e a humana authoridade. Sem incorrer no mais estranho absurdo, e sacrilega impiedade o homem não poderia attribuir ao quimerico, cego acazo, ou a alguma outra causa primeira, que não seja este DEOS uma só das grandes, ou das pequenas alternativas, que incessantemente estão variando a volvel Scena do mundo.

Aparecem porém de quando, em quando n' este vastissimo Theatro Scenas tão inesperadas, successos tão estupendos, mudanças, e alternativas tão espantozas em si mesmas, e ainda mais pelo estranho modo por que succedem, que os homens, mesmo os mais obstinados, e impios não podem deixar de reconhecer n' elas a virtude da omnipotente Mão do Excelso. Assim á vista dos prodigios da vara de Aarão os Magos do Egipto não poderão deixar de exclamar na presença de Faraó, e de toda a sua Corte = *Digitus Dei est hic = Aqui esti vivelmente o Dcdo de DEOS* =. Assim ao testemunhar a espantosa convulssão de toda a natureza no momento da morte de JESU-CHRISTO, com as mãos ensopadas no seu divino Sangue, ainda quente, o Centurião não poude deixar de exclamar = *vere Filius Dei erat iste = Este era verdadeiramente o Filho de DEOS* =. Assim o terrivel Saulo respirando ainda ameaças, e morte contra os Discipulos do Senhor, ao escutar a pavorosa voz que o increpa, ao ver a fulgorosa luz que

o deslumbra, ao sentir a irresistivel força, que o despenha, não pode deixar de reconhecer a voz, a luz, a força omnipotente do Deus Excelso, aquem se rende submisso = *Domine quid me vis facere?* = Néstas ocasiões espantozas cahé a mascara, desaparece o heróe; o impio mal pôde affectar a sua forçada superioridade, nem resistir ao aguilhão de sua propria Consciencia; no fundo deste abismo horrido, muito embora sua lingua o não expresse, elle não poderá deixar de dizer = *Haec mutatio dexteræ Excelsi = Esta subita, e espantosa mudança não pode deixar de ser obra da Omnipotente Mão do Deus Excelso.* =

Senhores, que me escutais, a estupenda, e maravilhosa mudança, que de um momento para outro nós acabamos de ver no nosso Portugal, ficará até ao aca-bamento do mundo ocupando um dos primeiros, e mais distintos logares na ordem desses espantosos acontecimentos, que o Impio mesmo não pôde deixar de atribuir á omnipotente Mão do Deus Excelso. Ao ver dissipada, e em um momento de todo desvanecida essa nuvem negra, prenhe de raios, e fogo, que pelo decurso de quasi tres eternos annos tinha feito cahir sobre Portugal: Ao ver em um momento sufocada, cahida por terra, arquejando apenas com as ancas da morte essa hydra monstruosa, que abrindo as sedentas fauces ameaçava de sorver, e tragiar tudo quanto não tinha podido empestar com o seo venenoso bafo: Ao ver em um momento cahir de suas vingadoras mãos

feita em pedaços essa espada fulminante, que o Deos terrivel havia dezembainhado para punir os crimes de Portugal: Ao ver apagado, e em um momento extinto esse volcão furioso, que havia rebentado no seio de Portugal em o dia, para sempre de detestavel memória 24 de Agosto de 1820, e que tudo ameaçava reduzir a pó, a cinzas, a nada: Ao ver qual nevoa ao vento, sumida, e em um momento evaporada essa Constituição refalsada, que debaixo de formas liberais, e enganadoras ocultava no seio perfido escravidão, anarquia, impiedade, e todos os males, todas as disgraças: Ao ver esse faustoso Congresso, formado sem alguma authoridade legitima; elleito contra todas as regras da Justiça, obra do soborno, do terror, da caballa, e do mais infame manejo: composto, pela maxima parte, d'homens, que se não fazião muito recomendaveis por sua Religião, costumes, sciencia, e probidade: Ao ver digo este faustoso Congresso em um momento aniquilado, e os seos membros, quais os dentes de Cadmo, ou os tições de uma fogueira, que se quer em um instante ver extincta, arremegados para esta, para aquella parte: O Nosso Augusto Soberano, Grande, e Incomparavel Rei o Senhor D. João o VI, que nós com o coração partido de dor, e ao mesmo tempo inflamado na mais justa indignação, vimos tão deprimido, e tão insolentemente tratado; Ao ver, digo, este Grande Monarca de um momento para outro reintegrado nos seos Sagrados direitos, restituído ao livre exercicio da Sua soberania, sentado sobre o seo Trono, cercado,

não já de ministros insolentes, Conselheiros perfidos, e até d'espiões mais vis ainda do que o ministerio infame, que exercião; mas sim dos seos mais fieis, e honrados Vassalos, e dos Grandes do Seo Reino, que nunca mostrárão tanto, que o erão como nesta complicada epoca: Ao ver, digo, tantos, e tão estupendos prodígios, obrados de um momento para outro, mansa, e pacificamente, sem estrepitos, sem rezistencias, sem sangues, sem horrores; Quem deixará de reconhecer aqui a virtude do braço Omnipotente, e de exclamar com David = *Esta subita, e espantosa mudança não pode deixar de ser obra da Mão de Deos Excelso.* = *Haec mutatio dexteræ Excelsi.* = Néstas grandes expressoins, e religiosos sentimentos preromperão as nossas linguas, e os nossos corações, quando nos principios de Junho de 1823 vimos em um momento desaparecer todos aquelles horrores, e dissipar-se de um sopro a nuvem da illuzão, que disgraçadamente havia fascinado a uma grande parte dos nossos Compatriotas. E nestas mesmas expressoins havíamos prorompido, quando nos fins d'Agosto de 1820 vimos como de um momento para o outro aquelles nossos Compatriotas disgraçadamente se havião deixado illudir, e fascinar. Uma, e outra subita mudança a Religião nos manda olhar como obra da Omnipotente Mão do Deos Excelso; que tão juçá eiro he, e terrivel, como benigno, e misericordioso.

Portugal sempre fiél, e sujeito ao seo DEOS, e ao seo Soberano, naquelle primeira epoca de um momento para outro parece esquecer-se da sua sujeição, e da sua fidelidade; Mudança fatal, obra da Omnipotente Mão do DEOS terrivel = *Haec mutatio dexteræ Excelsi.* =

Portugal n'esta segunda epoca de um momento para outro conhece a sua illusão, e o seo erro; e de todo o seo coração se volta para o seo DEOS, e para o seo Soberano: Mudança prodigiosa, óbra da Omnipotente Mão do DEOS Excelso, DEOS infinitamente misericordioso, e bom. = *Haec mutatio dexteræ Excelsi.* =

He a divisão, e o plano do Discursso, com que hoje venho entreter, e nutrir os vossos sentimentos de Religião, e de patriotismo.

——*

DISCURSO.

*Faculdade de Filosofia**Ciências e Letras**Biblioteca Central*

Se há pouco mais de um seculo tivesse aparecido em Portugal um homem, que em á impostor, e tom profético, no meio de um numerozo ajuntamento exclamasse, e dicesse—Há de vir tempo em que um pequeno bando de homens, e que homens! surgindo pela maior parte, do immundo xarco da baixeza, e aviltamento pessoal, e hereditario se proporá a pôr açamo, e freyo, a todo o resto dos seus Compatriotas, e estes não só se deixarão açamar, embrutecer e aviltar; mas até darão Vivas, e renderão mil graças, aos que assim lho tiverem feito, chamando-lhes os seus Libertadores, os seus Anjos Tutelares, Benemeritos, e Pais da Patria. Então de um dia para outro as palavras passarão a significar o contrario do que desde a sua primeira origem tiverem significado. Chamar-se-há boa ordem ao transformo universal de tudo quanto de largos annos, e até desde o começo do Mundo se achava instituido. Dizer-se-há que tudo vai bem, e a direito quando desconjuntado todo o Corpo Politico a cabeça estiver no logar dos pés, os pés no logar da cabeça, o estomago nos calcanhares, e as unhas na palma da mão. Dizer-se-há que se estabelece o Imperio da Justiça, e da Li-

B

berdade, quando se agrilhoa, e carrega de ferros a Na-
ção inteira, quando se lhe não permite o exercicio,
nem ao meos daquelles sagrados direitos que nenhum
Tyranno ainda se tivesse atrevido a offendere: Quando
senão deixa aos Constituintes o direito de lavrarem li-
vremente as suas Procuraçoin; mas se lhes dão trasla-
dos, e formulas, que elles devem servilmente copiar sem
alteração de uma só Virgula. Dizer-se-há que se esta-
belece o Imperio da Justiça, e da Liberdade quando al-
tamente se grita = *Ponhão Luzes, e deem Vivas, ou aliás*
terão quebradas as janellas, e as cabeças = Jurem, ou
aliás serão expatriados, perderão tudo o que tem; e alem
disto sofrerão toda a casta de aviltamentos, e a mais in-
fame relé será paga para os enxoavalhos mais asquerosos
= *Concedemos-lhes o direito de poderem reclamar;*
mas se reclamarem passarão por todos aquelles opro-
brios, e torpissimos avillamentos = (a) Dizer-se-há que
está deitado por terra o sistema do Despotismo, e fir-
memente estabelecida a inviolabilidade da pessoa, e da
casa do Cidadão, e se verão as masmorras atulhadas
de Cidadãos pacíficos; outros exterminados para loga-
res os mais remotos, e incomodos, e até para fóra do
Reino, e tudo isto sem culpa formada, sem algum pro-
cesso legal, e sem serem admittidos a dizer uma só pa-
lavra em sua desfesa (b). Dizer-se-há que está firmado
sobre bazes inabalaveis o sagrado direito da proprieda-
de, e se tirará a cada um o que for seu, e de que se
achava de posse por titulos os mais legítimos, e sagra-
dos (c). Virá tempo emfim em que se dirá que se res-

peita, e mantem a Religião, e o Divino Culto, quando perseguem, e cobrem de oprobrio os Ministros da mesma Religião e culto, quando se lanção fóra das suas Igrejas os Bispos, e os Parochos mais conspicuos fazendo-os substituir por Ecclesiasticos ignorantes, devassos, e escandalozos (d). Dizer-se-há que se respeita, e mantem a Religião quando se authorizão os mais solemnes dezacatos, perpetrados nas Imagens Sacrosantas, e nos Vazos Sagrados; quando se sofire, que os primeiros fructos da fatal Liberdade da Imprensa sejam mil blasfemias contra a Religião Divina, atacada na sua raiz nos seus Dogmas, nos seus Mysterios; e quando se prohíbe a publicação d' escriptos dirigidos a vingal-a de seus aggressores (e). Dizer-se-há que se respeita, e mantem a Religião, quando enfim em devasso, e solemne Congresso se grita, e depois se imprime, que — *Se os Apologistas da Religião querem ser lidos com avidés, como Voltaire que a ridiculiza e combate, empreguem, como elle, nas suas apologias jovialidades, xistes, e ironias (f).*

Se em Portugal, torno a dizer, há pouco mais de um Seculo tivesse aparecido um homem que tudo isto dicesse, e mil outras monstruosidades de igual jaez e laia quem o poderia, já não digo crer, mas ouvir sem rizo e mol. Quem deixaria de o ter por um frenetico, por um delirante, por um doido varrido? Entre tanto este frenetico, este delirante, este doido varrido teria dito ainda uma pequena parte do muito que Portugal

teve a prezenciar, e a soffrer desde Agosto de 1820, até Junho de 1823. Nossos Pais não o poderião crer; mas desgraçadamente nós não o podemos duvidar. Nos cofres da terrivel Justiça do DEOS Excelso estava para nós rezervada esta Revolução espantoza, que genios sublimes, que espiritos transcendentes muito tempo antes tinham previsto e preanunciado. O famozo Barão de Leibnitz, que falecera em 1716 deplorando os progressos das doutrinas do impio Spinoza diz = *Tudo se vai dispondo para a geral Revolução que ameaça a Europa: se os que tem nas mãos a força coactiva não tratarem vigorosamente de a prevenir, ella rebentará emfim, e a Providencia corrigirá os homens com a mesma Revolução que elles tanto promovem.* = O Abbade Dublos que falecera em 1742 nas suas reflexoins criticas, e Mr. Seguier no seu famozo requizitorio de 1770 contra o Livro infame do impio Mirabeau, um e outro preannuncião, e dão já como muito proxima esta futura Revolução: e o grande Friderico Rey da Prussia, que falecera tres annos antes da Revolução de França, falando dos fins, e intentos da Seita infame, em que entrára para melhor a conhecer, diz = *Ella se propoem a destruir todos os Governos: segundo os seus planos a França deve ser uma Republica: um Geometra será o seu Legislador: outros Geometras a governarão, e todas as operaçoinis da nova Republica serão feitas por compasso, e calculo; e depois de assim o haverem feito, os Povos muito á sua custa conhecerão que os seus Regeneradores não erão mais do que um bando de Pedantes e perversos.*

Assim se escreveo, assim se disse, e ainda mal que assim a Europa o tem visto felmente cumprido! Ao tempo em que viamos sentado sobre o Throno de Portugal o melhor dos Reis, segundo a confissão mesma dos inimigos jurados do Throno, e de quem tão dignamente o occupa, parecia que nada tinhamos a temer; não podendo esperar-se, que a Nação Portugueza guardasse a primeira quebra de obediencia, respeito, e fidelidade a Seus Soberanos justamente para o momento, em que o seu crime seria tanto mais enorme, quanto mais indisculpavel. Esta grande razão porém não podia prevalecer contra as regras invariaveis da Justiça do Deos terrivel, que havia decretado punir a Portugal com a permissão dos males, que elle tanto dezejava, e tanto promovia. Era justo que se fartasse a vontade a uma grande parte da Nação Portugueza, a quem dezagradava tudo, quanto fora instiuido por seus pais, e que a esta geração degenerada se lhe deixasse colher os fructos do frenetico dezejlo de tudo ver renovado, transtornado tudo, Um pequeno bando de homens quasi todos conhecidos só por seus crimes, irreligiao, e immoralidade; um, ou outro simplesmente por sua xarlatanaria, e extravagancia, arvorão o estandarte da rebelião, acclamão auzurpação da Soberania, illudem os Povos com promessas falazes que lhes não era possível dezempenhar, nem alguma tençao tinhão de cumprir, e chegão até a seduzir, e perverter a força armada. Ressôa em toda a parte o grito da conjuração infame, e tudo o que não pôde ser seduzido, e comprado se vê cons-

trangido a ceder ás ameassas, á força', e ainda mais ao aviltamento, enxovalhos, apupadas, e mil torpissimos excessos, de que se envergonharião os salvagẽs mais ferozes, e brutaes. A tão lastimozo estado se viu de um momento para outro reduzida a Nação Portugueza, a primeira talves aonde depois das ultimas Invações dos Barbaros do Norte, achárao domicilio as Scienças, as Artes, a Civilização, e a Polidez! Hę percizo ser a impiedade mesma em pessoa, para deixar de ver nesta mudança tão subita a Omnipotente Mão do Deos terrivel, que nunca mostra tanto que o hé como quando entrega os homens a si mesmos, e os abandona ás suas illuzões, e desvarios = *Haec mutatio dexteræ Ecclesi.*

Eu não sei que a Historia do Mundo offereça outra alguma Epoca em que o encanto magico, a illusão, e o prestigio exercesse um imperio mais absoluto, e despótico sobre o espirito, sobre a razão, e sobre os sentidos mesmo dos homens; fazendo-lhes crer o contrario do que estavão experimentando em si mesmos, o contrario do que com os seus proprios olhos, e ouvidos estavão escutando, e vendo, e do que estavão tocando com as suas proprias mãos; e isto pelo espaço de tanto tempo; e isto com tanta generalidade que disgracadamente não he possivel apontar uma só classe uma só jerarquia aonde não lavrasse desmedidamente o contagio, e a peste do encanto magico. Magico encanto, que fascinando os olhos da turba immensa

lhe não deixava ver a monstruosa contradição que se dava entre o que se nos promettia, e o que se estava experimentando, e vendo. Prometia-se-nos Liberdade, e o que se via era dezaforo, e Escravidão; prometia-se-nos abundancia, e o que viamos era mizeria. Prometia-se-nos o pagamento da divida Publica, e o que se vio era esta divida crescer todos os dias desmedidamente; prometia-se-nos o segredo inviolavel das cartas, e o que se via era virem-nos abertas ás mãos, e abertas impudentemente, e sem trabalho algum na operação da abertura. Prometiam-se-nos em fin mil venturas, e melhoramentos, e o que viamos era justamente o contrario de tudo isto.

— *Sim mas todas estas grandes prosperidades só se havião de lograr lá para o futuro* —

Muito bem; mas inda quando os Fascinadores infames nos podessem assegurar no futuro, vedado a todos os olhos, e a todos os discursos humanos, todas essas grandes prosperidades, que havião de provir das penurias, das privações, e dos sofrimentos actuaes; em que cabeça humana pode entrar, que devão morrer de mizeria, e fome os presentes para que os vindouros vivão em fartura, e abundancia? Quem deixa de condenar o sordido Avarento, que se priva de todas as comodidades da vida para deixar a ingratos herdeiros grandes sommas? Que um, ou outro homem generosamente se sacrificue a todos os males, á morte mesma

para salvar a um povo que sem aquelle sacrificio, seria victima da morte, quem deixa de o louvar, e aplaudir? Assim JESU-CHRISTO o fez por todo o genero humano. Mas que devão ser sacrificadas á miseria, a todas as privações, a todos os males milhões de Familias, uma Nação inteira para que daqui a cem, a duzentos annos, ou, o que he mais certo, para que nunca as Gerações futuras hajão de viver em abundancia; que delirio, que frenesi, e que mania!

Eu disse para que nunca; porque esperar que em tempo algum haja de nascer a ordem da dezordem, a fartura da fome, a liberdade da escravidão, o bem do mal; isto a forças humanas hé perfeitamente impossivel, e só pôde ser obra d'aquelle que fez sahir a Luz das trevas. Mas poderia Portugal esperar, que DEOS houvesse de obrar a favor seu um tal prodigo, e que houvesse de empenhar a sua Divina Omnipotencia como em premio, e remuneração da sua rebelião, e crime enorme?

Permita-se-me um vulgarismo. Le-se nos Livros aonde tudo se acha, que há, não sei em que parte do Mundo, uma certa loiça que muito de propozito seus donos quebrão depois de cozida, na firme persuazão, de que soldando-se fica inquebravel. Assim paresse que firmemente o crião todos os que em Portugal esperavão que dezorganizado tudo, tudo demolido, tudo despedaçado pela milagroza virtude da Solda Constitucional,

mais prodigiosa ainda do que o bálsamo de Cervantes, tudo ficaria ainda em melhor consistencia do que a que d' antes tinha, tudo inquebravel, indezordenavel tudo; e que n' este felicissimo estado chegaria ás mãos dos nossos vindouros, das geraçoens futuras. Assim o crião, ou assim o parecião crer os conspiradores infames, e assim pelo emprego dos meios os mais perfidos tiverão a habilidade de o meter em cabeça á multidão insana, e voluvel.

Mas procuremos saber, que hé já tempo, quaes forão os pretextos de que se prevalecerão os rebeldes, cabeças d' esta Revolução espantoza para se conspirarem contra o Throno, usurparem a seu legitimo Senhor a Soberania da Nação, e se constituirem a si mesmos depositarios della ?

= O estado lastimoso a que Portugal se via reduzido; os males acerbos que pesavão sobre a Nação; a situação deploravel em que se achavão as administraçōens da Justiça, da Fazenda, e rendas do Estado; estas e outras desgraças da mesma cathegoria muito altamente encarecidas; eis o que segundo elles, os authorizou para se rebelarem contra o Throno, e contra o seu, e nosso legitimo Soberano ==. Que modo de proceder tão estranho, tão injusto, tão iniquo, e tanto contra as regras da razão, e ate do senso commum? Ainda mesmo quando tudo o que se diz sobre a desgraçada situação de Portugal fosse verdade limpa, e sem mistura de

encarecimentos, e falsidades: ainda mesmo quando os males, que pezavão sobre Portugal, fossem tão numerosos e acerbos como se inculcão, seria sempre um attentado da primeira cabeça a conspiração contra o Throno, e contra a authoridade do Legitimo Soberano, a quem só he permitido representar com toda a submissão, e acatamento. Aquelle procedimento porém, sempre iniquo só poderia merecer alguma desculpa quando se podesse provar, que todos aquelles males provinhão do Soberano, que podendo, ou preservar-nos d'elles antes, ou livrar-nos delles depois de vindos o não quizera fazer. Sendo porém da maior evidencia, e da mais publica notoriedade, que o nosso Augusto Soberano muito longe de haver cauzado aquelles males tão altamente inculcados, absolutamente fez quanto podia, e quanto devia fazer para os prevenir e evitar: Sendo da mesma evidencia, e notoriedade que aquelles males erão pela maior parte de natureza tal, que só pelo decurso de largos annos, e até Seculos podião ser remediados; não fica sendo tambem da maior evidencia que nada pôde haver mais iniquo, e injusto do que a conspiração contra a authoridade do Soberano, por males que apezar de todos os Sacrificios, não esteve na sua mão evitar; males que lhe era absolutamente impossivel o poder remediar no pequeno numero d' annos que tem decorrido depois da sua fatal origem?

Para vós demonstrar até a ultima evidencia estas grandes verdades permiti-me que eu haja de lançar hum golpe de vista rapido sobre as paginas da nossa Historia.

Pelos principios do Seculo 12 começo Portugal a figurar de Potencia independente, e por uma longa serie de felices e gloriozos acontecimentos, nos reinados do Sr. Rei D. João II, do Sr. D. Manoel, e do Sr. D. João III chegou a ser Potencia da primeira ordem em força, riquezas, sciencias, Legislação, Possessoins, e Commercio. Como todos os Imperios do Mundo, Portugal devia enfraquecer, e cahir debaixo do pezo da sua propria grandeza. Uma decadencia progressiva, e filha da natureza das couzas chegou Portugal ao estado de perder em 1580 a sua independencia; e uma dominação estranha pelo espaço de 60 annos tudo acabou de estragar, arruinou tudo. Tal era a nossa triste situação quando em 1640 a Augusta Caza de Bragança foi aclamada a Caza reinante em Portugal na pessoa do Sr. Rei D. João o IV.: E a quem senão aos Srs. Reis dessa Augusta Caza deve Portugal o alto melhoramento, e opulencia a que progressivamente fora subindo, e em que se achava em 1789, época fatal da Revolução Franceza? Rebentou enfim aquelle volcão furioso, que devorou a Europa toda, e como perdoaria ao disgracado Portugal senão perdoou ás Potencias menos vizinhas, e mais poderozas? Eu o pregunto, e muito afoitamente. Apontem-me uma unica medida, um só sacrificio, por mais duro e custoso que elle fosse, que o Sr. D. João o VI. deixasse de empregar para poupar o seu Reino á invazão daquelles Barbaros? A aprovação cuido eu que hé a unica resposta a este quézito. Nada bastou; e no ultimo aperto esgotados todos os outros

c 2

meios o Magnanimo Soberano com toda a sua Real Familia se entrega ao furor das ondas, e vai procurar nos Brazís uma como Arca de Noê, aonde se salvasssem do Diluvio da Revolução espantoza as preziosas sementes, que um dia podessem restabelecer a Monarquia, a independencia, a Soberania, e o Throno. E que outra couza poderia, ou deveria em tais circunstancias fazer o Magnanimo Soberano? A fatal invazão se realiza emfim, e seria mais facil computar as areas do mar do que as ruinas, e os males por ella cauzados. Segunda, e terceira vez invadidos sempre com maior furor e sanha já não havia que roubar e que demolir; ronovando só as antigas, os golpes dos Barbaros já não abrião novas chagas. E não seria o mais estupido, ou o mais delirante de todos os homens aquelle que se atrevesse a pertender que no curto espaço de seis annos, decorridos desde a abdicação de Buonaparte em Abril de 1814 até Agosto de 1820, em que rebentou em Portugal a Conjuração infame, o Senhor D. João VI tivesse posto em estado de opulencia e prosperidade, este Reino tão cruelmente assolado por aquellas tres invazions, a qual mais barbara; e pelas guerras que em consequencia de' ellas tivemos a sustentar desde 1808 até 1814? Deus depositou sim nas mãos do Nosso Grande Soberano uma parte amplissima da sua divina Authoridade; não lhe depositou porém nas Mãoz Augustas a sua divina Omnipotencia; e tanto seria percizo para que o Senhor D. João VI em tão curto espaço podesse remediar males incalculaveis. Entretanto são estes os ma-

les que se pretextão? Revoltão-se contra o Legitimo Soberano porque elle não fez, o que só Deus poderia fazer!!!

— *Havia immensos desperdicios, immensas despezas que podião escuzar-se, havia immensas distracções, e até sommas immensas erão mandadas para os Brazíis* — O que aqui vai de immensidades! Perguntaria eu aos que assim o dizião, se he que já o não dizem — *E quantas immensas sommas não tem sido mandadas dos Brazíis para Portugal? Como he possível que vos atrevais a estranhar, e levar a mal que Portugal nestes ultimos annos houvesse de mandar algumas sommas para os Brazíis; para os Brazíis que por todo o decurso de 300 annos estiverão incessantemente mandando sommas incalculaveis para Portugal?* — Esta monstruosa ingratidão e injustiça he tão enorme que salta aos olhos. Demos-lhes entre tanto de barato todas essas immensidades de desperdicios, despezas inuteis, descaminhos e roubos, que tanto inculcão; e concedamos-lhes até que foi sobre este objecto, que as chamadas Cortes trabalharão com mais affinco e sofreguidade, mostrando um talento decidido para tirar o pão da boca a quantos mais, ou menos justamente o estavão comendo. Tirarão a El-Rei Nosso Senhor tudo o que tinha, e o reduzirão a uma penção mesquinha e vergonhoza: Tirarão á Rainha Nossa Senhora toda a sua Caza; tirarão pençóins, Comendas, e gratificaçóins sem conto: Cercearão ordenados, extinguirão Tribunais, e mil outros lugares, e officios dispendiozos. E quais forão a final os rezultados de todos estes cerciamentos, e extinc-

çõins? Dois, e a qual melhor; o primeiro deixar a morrer de fome milhares de familias; o segundo fazer sobrar a dívida publica a 20 milhoens mais, dentro do tempo da sua administração, em menos de 3 annos. Isto he o que nós vimos, o que nós lemos, e o que elles mesmos pelo seu proprio punho fizerão constar a Portugal, e ao mundo inteiro. Que Financeiros tão habéis! E atrevem-se a falar em distracçõins e roubos nos precedentes Governos! E tem ainda apologistas, e entusiastas!

Minha cara Nação! e como foi possivel, que tanto tardasses em abrir os olhos, e dissipar essa nuvem magica com que tão facilmente te deixaste cegar! Forçoso he disello, mas com que magoa! Como não havia de succeder assim se de largos annos se estava vendo correr pelas mãos de todos essa praga de escriptos incendiarios e impios, que nenhum outro objecto tinhão senão o de fazer odiozos e contemptiveis aos olhos da multidão, e do publico os Ministros da Religião, e a Religião mesma, os Soberanos, e os seus Conselheiros e Ministros; em uma palavra, todas as authoridades constituidas? Como não havia d'entrar a gangrena da insubordinação, e da impiedade nos dezapercebidos coraçõins do Povo Portuguez, deixando-se-lhe trazer assiduamente nas mãos esses Periodicos infames, ramos de peste, Berlótes incendiarios, *Campioins*, *Portuguezes*, *Correios Brazilienses*, e tantos outros Armazaens de tudo o que he máo, e tolhendo-se ao mesmo tempo a publicação de sabias refutaçõins das suas perversas

doutrinas, que lhes poderião servir d' antidoto (g)? Nem temos só a queixar-nos d' estas prágas que em todas as linguas nos erão mandadas de fóra; mas até do que se imprimia, e publicava entre nós. Vimos impressas em nossas Officinas, Cartas Peruvianas, Diabos Coxos, e milhoens de Novellas immorais, e incendiariarias. Com a leitura de tão perniciozos escriptos se foi entranhando nos coraçōins, dos que apenas sabem lér, o veneno da insubordinação, e da impiedade; a falta de respeito, e ultimamente o ráncor, e o desprezo a tudo quanto ha de mais sagrado e respeitavel entre os homens: Em quanto a parte cordata e sāa da Nação, que por felicidade não era pequena deplorava todos estes males, e se temia de suas terriveis consequencias, o grande resto suspirava pelo momento em que rebentasse a Revolução, que aliviando-os do salutifero pezo da subordinação, e respeito os introduzisse na posse desse dezemfreamento, a que os seus grandes Mestres chamavão liberdade. Que muito que fossem tão rápidos os progressos do fatal incendio achando-se tão bem preparada a materia combustivel?

Este grande mal lhe entrou pelos olhos, e não foi menor o que lhe entrou pelos ouvidos. Por toda a parte o dezapercebido Povo Portuguez não ouvia senão vociferar em furor contra os Soberanos, contra os seus Ministros, contra todas as Authoridades, e especialmente contra o respeitavel Corpo da Magistratura; e, mais que tudo ainda, contra o dos Ecclesiasticos. Nos ajun-

tamentos publicos, nos logares mais devassos, nas finges de venda era esta a materia favorita de todas as convergassoin. Mas que muito se tambem disgraçadamente o era de tantas, e tantas Pregaçoin na cadeira do Evangelho! O sincero amor que consagro á verdade não me permite o deixar de queixarme altamente de tantos Ministros da palavra do Senhor, que possuidos de um zelo furioso, e condemnado pela Religião, declamando contra os defeitos das Authoridades publicas, o fazião com tanta imprudencia, repetição, acrimonia, e generalidade, que, quando os não rompessem de todo, não podião deixar de enfraquecer, e debilitar muito os salutiferos vinculos da confiança, e do respeito que nos Estados Sociais devem prender os Povos áquellos por quem em nome do Soberano lhes he administrada a Justiça e conferidas as graças, e as remuneraçoin.

Baste o que tenho dito, e fique muito embora em silencio essa praga de Collegios, e Cazas d' Educação, que pelo que se vê na maxima parte dos Educados he a todos os olhos lastimoza, e parece exigir pelo menos uma reforma rigorozissima. Fique tambem em silencio essa escolla pessima dos livros que se metem nas mãos da primeira mocidade para o ensino da lingua latina inspirando-lhe desde logo o amor pelas revoltas, e conjuraçoin com a lição dos Titolivios, dos Suetonios, dos Salustios, e com os exemplos dos Catilinas, dos Marcos Antonios, e dos Scyllas. Já mais esquece, e tudo agrada, quanto se aprende nos primeiros annos, e que

muíte que na idade competente venhão a ser revolucionarios os que desde o berço das letras forão nutridos com o leite das revoluçōins! O maior monstro que o espirito revolucionario tem produzido, o infame Robespierre, como de sua vida consta, em toda ella trouxe sempre na memoria, na lingua, e na pena, as historias das Conjuraçōins Romanas, que nos seus primeiros annos havia estudado naquelles livros. Com todas estas dispoziçōins, nem admira que tão facilmente se deixassein illudir, nem que tanto tardassem em rasgar o veo da illuzão.

He já tempo de pôr termo a este longo discurso, e de o finalizar por onde tivera o seu principio. Em um momento nos vemos livres daquella espantoza revolução, que tantos males nos acarretou, e que com tantos outros nos ameaçava ainda. Esta mudança tão subita não pôde deixar de ser obra da Omnipotente Mão do Deos Excelso. Rendamos-lhe as graças que em nós cabem, nada tão justo; dezemganemo-nos porém de que por nenhum outro modo nos poderemos mostrar agradecidos ao Divino Author de tão altos benifícios, senão tratando de desterrar de nós todos aquelles crimes que em 1820 obrigarão ao nosso Deos a mostrarse tão terrivel commosco permitindo, que tambem de um momento para outro passem os Portuguezes a ser o que disgracadamente forão. Convertamo-nos de veras para Deos; amemos de todo o coração a Religião de nossos Pais; respeitemos o nosso Grande Soberano, e

todas as Authoridades por elle constituidas; vemos os Ministros da Igreja, em todo o cazo dignos de nosso respeito; abracemos mais que tudo, aquelle grande Conselho do Espirito Santo, que parece dirigir-se particularmente a nós, por isso que nenhuma outra Nação se pôde prezar de descender de homens tão dignos de ser imitados, como a Portuguez. = *Não queirais*, nos diz o Espirito Santo, *dar um só passo alem dos limites*, *que vos forão postos por vossos Pais* = *Ne transgrediaris terminos antiquos, quos posuerunt tibi Patres tui* = Gravemos em nossos coraçons estas Divinas palavras; sejamos quais forão os nossos Pais; façamos reviver em nós a sinceridade, e inabalavel firmeza da sua fé, o fervor da sua piedade, a singeleza e simplicidade dos seus costumes, o seu amor heroico á Nação e á Patria, e o seu respeito profundo á Santa Igreja, e aos nossos Soberanos. Tudo quanto de novo sobre estes grandes objectos se tem introduzido, tudo he perniciozo e falso; assim uma experienci fatal o tem mostrado. Se cotejarmos o que entre nós se tem escripto, e feito de um seculo a esta parte, com o que se escrevera, e fizera nos seculos precedentes, acharemos, que sem alguma justiça nos gloriamos dos nossos progressos nas Artes e nas Sciencias; mas ainda mesmo quando se dessem estes progressos; que triste gloria se a todas as luzes nos temos atrazado tanto dos nossos Pais em Religião, em costumes, em Patriotismo, em boa fé, e em probidade? A ignorancia he menos funesta do que o erro; e as luzes falsas muito mais perniciozas do que a

nenhuma luzes. Deixemonos penetrar destas grandes verdades, e se devéras nos conformarmos com elles nunca mais acharemos a DEOS terrivel; mas sempre inizericordiozo em toda a nossa vida; e no feliz acabamento d'ella hiremos lá no Ceo de concerto com os Coros Angelicos cantar-lhe por toda a eternidade = **Te Deum**
LAUDAMUS TE DOMINUM CONFITEMUR =

F. I. M.

NOTAS.

(a) Assim se praticou com o Eminentissimo Senhor Cardial Patriarcha de Lisboa, mandado para Bussaco, e d'ahi para fóra do Reino por haver reclamado contra duas das bases da Constituição, prevalecendo-se da base 14, que assim lho permittia. Foi extremamente sensivel á parte saã, e cordata da Nação este iniquissimo procedimento contra aquelle respeitavel Prelado digno dos primeiros seculos da Igreja; mas ninguem ousava nem advogar a sua cauza, nem manifestar a sua dor, e ressentimento; tal era o estado da liberdade em Portugal! Por toda aquella parte da Hespanha, e da França, que atravessou até Bayonna aonde se estabeleceo Sua Eminencia foi recebendo dos estranhos as publicas demonstraçōes de veneraçōe e de respcto, que aos seos Compatriotas não era permittido dar-lhe: mas o bom Povo Portugues se vingou agora com uzura na occasiōe do seu regresso pa ra este Reino, em virtude

D 2

da honrosa Carta Regia, que Sua Magestade se ²⁷
 sou a dirigir-lhe apenas restituido ao seo Thron ²⁸ e a
 entrada d' este novo Chrysostomo em Portugal, e maior-
 mente em Lisboa, foi um triunfo não menos glorioso,
 e esplendido do que o do primeiro Chrysostomo em Con-
 stantinopola, regressando do seo degredo na Bithynia.
 Succedeo proporcionalmente o mesmo ao Senhor Arce-
 bispo Primáz de Braga, o qual, apesar de se achar
 cego, coberto d' achaques, em annos proiectissimos
 fora desterrado para Bussaco; como tão bem o Senhor
 Bispo de Pinhel. Procedeo-se porem muito mais estre-
 pitosa e infamemente contra o Snr. Bispo d' Alba, o
 qual, como Sua Eminencia, prevalecendo-se da base
 14 offereceo as suas reclamaçõins, muito sabiamente
 motivadas contra as bases 8. e 20. Este veneravel Pre-
 lado foi mandado vir com muito vilipendio preso de
 Villa-Viçosa para Lisboa; e tanto no Caes do VER o
 PEZO aonde desembarcou, como por todo o caminho
 para o Palacio da Intendencia no Rocio, e d' ahi para
 a Torre de Bellem, aonde foi sepultado, a vil canalha
 assalariada, e não assalariada lhe fez soffrer impro-
 rios e torpezas, que nem descrever-se podem. Eu fui
 testemunha d' esta Scena no Rocio, e ainda hoje me
 não posso recordar d' ella sem horror.

(b) Assim se praticou com um grande numero de
 Pessoas, entrando n' elle quem isto escreve, extermina-
 do para 20 leguas fóra de Lisboa, porque diz a Porta-
 ria, tinha querido seduzir os Bravos do Batalhão de
 Caçadores aquartelado no Convento do Rocio em Lis-
 boa; quartel aonde não entrei uma só vez: nem huma
 só vez tão bem falei, ou dei uma só palavra a indivi-
 duo algum do tal Batalhão, começando pelo Coman-

nte, e acabando no mais insignificante tambor; nem
me o de vista conhecia a um só que fosse. Ninguem
sabia o melhor do que o Theologo Assessor, como
lhe chama o *Andão dos Assobios*, (papel impresso na
Typografia de Galhardo em 1822); mas sendo mandado
informar sobre a falsissima denuncia, que de mim se
déra, e Deos sabe quem, não se dignando de me par-
ticipar tal coiza, nem de me ouvir uma só palavra,
com tanta verdade deo aquelle informe, que d'elle re-
zultou o meu extermínio. Entretanto sempre coerente
em seus muito conhecidos principios, tendo de infor-
mar tão bem sobre um outro individuo involvido na
mesma denuncia, o qual na verdade frequentava o tal
Quartel, e falava aos individuos do dito Batalhão, —
Quia nummos habebat — informou a respeito d'este
com a mesma verdade com que havia informado a meu
respeito, e por conseguinte nem foi extermínado,
houve algum outro procedimento. Tenhão paciencia,
porque eu tão bem a tive e tenho; e desmintão-me se
se atrevem. Não se dando ainda por satisfeitos com
aquele meu extermínio em Março de 1822, na visita
feita no seguinte Junho á casa da minha nova režiden-
cia, se mostrou o maior empenho em que os depoentes
me arguissem de que eu continuava ainda a ser inimi-
go jurado do systema Constitucional, e porque nada
havia a extorquir áquella pobre Casa, foi este o objec-
to unico daquella F.... Felizmente o reino d'estes
expirou, e Sua Magestade por seo Regio Aviso datado
de 3 de Junho de 1823 em Villa Franca, se dignou
de pôr me em liberdade para *ou me conservar aonde es-
tou, ou regressar para Lisboa, ou hir para onde me-
lhore aprouver*. Ainda mal que o triste estado de
minha saude me não tem permittido, o hir lançar-me

aos pés do meu Grande Soberano, como tanto desejo,
e tanto devo!

(c) Assim com o mais insolente dezaforo o hizerão
aos Nossos Augustissimo Soberanos! Consolem-se tan-
tos Empregados, e tantos Funcionarios publicos, a
quem se fez outro tanto, sem que se lhe provasse cri-
me algum, ou erro d'officio!

(d) Alem dos quatro Prelados Diocezanos, já asima
mencionados, um grande numero de Parochos, e Pas-
tores da segunda ordem forão exterminados, e postos
fóra das suas Igrejas; e substituidos por Tais... e Tais...
e Tais...

(e) Não pôde ler-se sem horror o que se tem escri-
pto sobre as profanaçoin, e irreverencias praticadas com
as Imagens, e Vasos Sagrados nas Sachristias, e Igre-
jas dos Cartuxos em Laveiras; das Benedictinas, das
Cistercenses, das Dominicas Irlandezas em Lisboa
etc. etc. em cujo saque o mais completo e sofrego se
cometterão desacatos horridos. Em quanto aos ataques
dados á Religião pela Imprensa: leão-se quazi todos
os Periodicos, que começarão a publicar-se desde Ago-
sto de 1820, *Portugais Regenerados*, *Liberais*, *Patrio-
tas etc. etc.* e em todos elles se achará a Religião ata-
cada, e escarneida; leiao-se os Cathecismos do Cida-
dão e Politico, e tantos livrecos. A muitos escriptos,
que combatião os erros d'estes se negou a licença para
se imprimirem, os quais agora vão aparecendo, como
por exemplo a ultima resposta do Benificado de San-
tarem ao Campeão do Maçonismo.

(f) Veja-se na Colecção dos Diarios das Cortes a fl.
95 a Sessão de 14 de Fevereiro de 1821.

(g) Não posso deixar de lastimar-me, de que por esse tempo, e cabalas fosse o sabio, e digno Abbade de Lust, o Dr. Joaquim de S. Agostinho obrigado a suspender a menos de metade do seo trabalho, que já levava muito adiantado, a publicação das suas = Reflexoins sobre o Correio Braziliense = o que temos d' este profundo Analytico impresso na Typografia Regia em 1809, e que chega apenas ao N.º 18. d' aquelle infame Periodico, nos fás sentir a falta da publicação do muito que já tinha escripto sobre este objecto. Que homem tão proprio para desmascarar, e confundir os Pseudo-Filosofos do tempo, inimigos jurados da especie humana!

(h) Consta-nos com a maior certeza, que este abuso estava no Rio de Janeiro levado ao mais escandaloso excesso. Entretanto nos Pulpitos de Portugal tão pouco não havia pouco, e graças a Deus, muito impunemente. Toda a severidade de procedimento em materia de Pulpito se empregou no Pregador do dia 4 de Julho de 1818 na Santa Igreja Patriarchal, porque a ser verdade o que dizião dois, e negavão duzentos, tinha defendido, e sustentado os direitos de Sua Magestade como Soberano, e como Padroeiro d' aquella Santa Igreja, e a posse antiquissima, e nunca interrompida d' ella, muito anterior ao Concilio de Trento; com o que tudo Sua Magestade se dignou conformar-se na sua ultima, e Real Rezolução sobre esta questão, que segundo o juizo dos prudentes, não era para tanto estrepito.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

